

PAEMONILIA

A ARTE HIERÁTICA

VOL. IV

Ερατική τέχνη



FERNANDO LIGUORI
TATA NGANGA KAMUXINZELA

DAEMONIUM VOL. 4

A ARTE HIERÁTICA

DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA constitui a culminação teórico-operatória do projeto DAEMONIUM, apresentando uma arquitetura rigorosamente tripartida que articula filosofia, teologia e teurgia sob o critério da mediação ontológica. O volume assume como eixo a recuperação do *daimôn* pessoal enquanto operador real da vida singular e do Cosmos, recusando tanto a redução psicologizante moderna quanto a moralização patrística. Com aparato filológico e argumentação de alto rigor, o livro reconstroi a inteligibilidade da ação espiritual a partir de uma ontologia das mediações, restituindo à tradição platônica tardia sua coerência interna e sua potência explicativa.

Na parte filosófica, o livro estabelece os fundamentos conceituais do *daimôn* pessoal como princípio mediador entre universal e particular, inteligível e sensível, causalidade superior e biografia concreta. A análise percorre Platão, Plutarco, Apuleio, Jâmblico e Proclo, demonstrando que o *daimôn* não é metáfora ética nem categoria psicológica, mas solução ontológica necessária ao problema da proporção causal. Essa seção elabora, com densidade filológica e precisão conceitual, a distinção entre alma, *nôûs* e instância *daemônica*, mostrando como a vida ética, o destino e o caráter (*ēthos*) dependem de uma mediação real que governa a tradução das causas universais em existência singular.

Na parte teológica, o DAEMONIUM Vol. 4 desenvolve uma doutrina hierárquica do Cosmos fundada na distinção rigorosa entre deuses, *daimones* e almas, articulada à noção de providência e às séries causais. O livro demonstra que a transcendência divina só se preserva mediante mediações proporcionais, e que a eliminação dessas instâncias, seja por monoteísmo simplificador, seja por dualismo, produz incoerência ontológica. Ao reconstituir a teologia platônica tardia, a obra evidencia o erro estrutural da demonização cristã do *daimôn*, não como divergência confessional, mas como colapso de categorias que dissolve a inteligibilidade da ação divina no mundo.

Por fim, na parte teúrgica, o volume apresenta a teurgia como *arte hierática*, i.e. como ontologia operatória da mediação. Aqui, a ἱερατικὴ τέχνη é definida como o conjunto de operações nas quais a causalidade divina se torna imanente à matéria consagrada por meio de *symbola* e *sunthēmata*. A análise demonstra que imagens, nomes, substâncias, ritmos e corpos ritualizados não funcionam como representações, mas como marcas causais que permitem a fixação do fogo divino em receptáculos preparados. A teurgia é, assim, apresentada como ciência da presença e da eficácia, na qual o hierofante não fala do divino, mas se integra à cadeia causal que reconfigura o Cosmos pela ação efetiva da divindade através da matéria.



REVISTA THEOURGOS
O CONHECIMENTO REJEITADO DA CULTURA OCIDENTAL

SEM SACRIFÍCIO ANIMAL NÃO HÁ TEURGIA

Por Fernando Liguori
Táta Nganga Kamuxinzela

A afirmação de que não há teurgia sem sacrifício animal não se funda em costume arcaico nem em preferência ritual, mas em uma exigência ontológica derivada da própria estrutura hierárquica do real no platonismo teúrgico. A teurgia opera no domínio da mediação efetiva entre inteligível e sensível, e tal mediação exige custos reais, perdas reais e transformações materiais proporcionais à causalidade invocada. O sacrifício não é símbolo pedagógico nem dramatização moral, mas operação ontológica pela qual a vida sensível é oferecida como meio de tradução da causalidade superior. Jâmblico é explícito ao afirmar que a presença divina não se manifesta por intenções ou disposições interiores, mas por atos rituais adequados à ordem do sensível: οὐ γὰρ διὰ νοήσεως ἡ τῶν θεῶν παρουσία γίνεται, ἀλλὰ διὰ τῶν ἔργων τῶν ἀρρήτων» (*pois a presença dos deuses não se produz por meio do pensamento discursivo, mas por meio das obras inefáveis*).¹ O sacrifício animal pertence precisamente a esse domínio das *erga arrhēta*, no qual a causalidade divina encontra receptáculo proporcional no plano material, sem o qual a teurgia se reduz a contemplação ou intenção.

Filologicamente, o sacrifício (*θυσία*) não designa destruição arbitrária, mas ato de consagração mediante o qual algo vivo é separado (*kathairesis*) do uso profano e reinserido na ordem divina. No platonismo tardio, a vida (*zōē*) é o princípio mediador entre o inteligível e o sensível, e o sangue (*haima*), enquanto portador da vida no corpo animado, ocupa posição central na economia ritual. Proclo afirma que a causalidade divina só pode manifestar-se no sensível por meios proporcionais à sua natureza, i.e. por realidades que já participam da vida e do movimento.² O sangue sacrificial não funciona como objeto simbólico, mas como mediador vital que permite a transição entre níveis ontológicos distintos. Negar essa mediação vital equivale a negar a possibilidade mesma de tradução causal no plano do devir. No regime teúrgico, a vida (*ζωή*) não é mero dado biológico, mas meio ontológico pelo qual o inteligível pode ser traduzido no sensível. O sangue (*αἷμα*), enquanto portador da vida animada, ocupa posição privilegiada nessa tradução, não por simbolismo, mas por causalidade. Jâmblico distingue claramente entre ritos puramente intelectivos e ritos que operam no plano vital, afirmando que a presença divina se manifesta por meios adequados à ordem do sensível vivo.³ O sangue sacrificial não *representa* a vida; ele é o meio vital pelo qual a mediação se fixa no devir. Eliminar esse meio equivale a exigir efeitos ontológicos sem suporte causal proporcional, erro que transforma a teurgia em abstração.

¹ Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.

² Proclus. *Theologia Platonica* I:5. Em Thomas Taylor (Trad.). THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO. Kshetra Books, 2017, pp. 38-40.

³ Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.

A rejeição moderna do sacrifício animal, frequentemente justificada por critérios morais de origem cristã ou por sensibilidades humanitárias tardias, constitui um anacronismo ontológico quando aplicada à teurgia. Tal rejeição pressupõe que o valor moral atribuído à vida animal no contexto moderno possa ser retroprojeto sobre uma ontologia na qual a vida é concebida como princípio de mediação e não como direito absoluto. No platonismo teúrgico, a questão não é ética no sentido jurídico, mas ontológica: trata-se de saber se a causalidade divina pode ou não operar no sensível sem custo real. A demonização do sacrifício animal deriva da mesma matriz que demonizou os *daimōnes*: a recusa do *metaxý* e a tentativa de purificar a prática espiritual de qualquer contato com a materialidade vital. Jâmblico rejeita explicitamente essa purificação ilusória ao afirmar que os ritos não são invenções humanas, mas pertencem à ordem instituída pelos deuses: οὐκ ἔξ ἀνθρωπίνης ἐπινοίας τὰ ιερὰ, ἀλλ' ἐκ τῆς τῶν θεῶν τάξεως (*os ritos sagrados não procedem da invenção humana, mas da ordem dos deuses*).⁴ Condenar o sacrifício em nome de uma moral externa equivale, portanto, a substituir a ontologia hierárquica por um juízo extrínseco que dissolve a teurgia.

A teurgia pressupõe uma economia do sagrado na qual toda elevação implica perda, toda mediação implica custo e toda participação exige renúncia proporcional no plano inferior. O sacrifício animal constitui a forma paradigmática desse custo, pois envolve a cessação real de uma vida sensível como condição para a manifestação de uma causalidade superior. Proclo insiste que a hierarquia do real não opera por gratuidade sentimental, mas por proporção causal rigorosa, na qual cada nível recebe segundo sua capacidade e oferece segundo sua natureza. A tentativa moderna de preservar a teurgia enquanto se elimina o sacrifício revela uma contradição interna: busca-se a eficácia sem aceitar o custo ontológico correspondente. Tal posição converte a teurgia em simulacro simbólico, incapaz de produzir efeitos reais no domínio do devir. Sem sacrifício animal, não há tradução vital da causalidade divina; sem essa tradução, não há teurgia, mas apenas discurso sobre o divino ou experiência interior subjetiva. A seção seguinte aprofundará essa crítica, mostrando que a recusa do sacrifício não é reforma espiritual, mas negação estrutural da arte hierática.

Uma objeção recorrente ao sacrifício animal confunde deliberadamente a violência profana com a não-violência ontológica própria da *thysía* teúrgica. Filologicamente, θυσία não designa massacre ou destruição arbitrária, mas o ato de *fazer subir* (θύειν) algo vivo ao domínio divino por consagração ritual, i.e. por reinserção ordenada na hierarquia do ser. No platonismo tardio, a violência ocorre quando um nível é forçado a operar fora de sua natureza; o sacrifício, ao contrário, respeita a proporção ontológica (*summetría*) entre o sensível vivo e a causalidade superior que nele pode operar. Proclo insiste que a mediação legítima preserva a continuidade sem colapso: διὰ τῆς μεσιτείας σώζεται ἡ τῶν ὄντων συνέχειά (é *por meio da mediação que se preserva a continuidade dos entes*).⁵ A *thysía* animal, portanto, não viola a ordem do real; ela a executa segundo custo vital proporcional, distinguindo-se radicalmente de qualquer destruição desordenada que rompa a hierarquia.

A teurgia visa não apenas a manifestação episódica, mas a permanência (*μονή*) da mediação no tempo (*χρόνος*). O sacrifício animal desempenha papel decisivo nessa fixação, pois institui um custo irreversível que ancora a causalidade superior

⁴ Iamblichus. ON THE MYSTERIES. V:26. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 275.

⁵ Proclus. *Theologia Platonica* I:5. Em Thomas Taylor (Trad.). THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO. Kshetra Books, 2017, pp. 38-40.

no regime temporal da vida. Proclo observa que a ação divina, para permanecer no sensível, requer suportes proporcionais e estáveis.⁶ O sacrifício cria precisamente esse intermediário vital estável, impedindo que a mediação se dissipe em estados interiores ou em efeitos transitórios. Onde não há custo vital real, não há *moné*; onde não há *moné*, não há teurgia, mas entusiasmo passageiro.

A espiritualização moderna do rito, que pretende preservar a teurgia eliminando o sacrifício animal, constitui uma negação ontológica do sensível incompatível com o platonismo teúrgico. Tal postura pressupõe que a causalidade divina possa operar por intenções, valores ou *consciência elevada*, deslocando a mediação do plano do ser para o da subjetividade. Jâmblico rejeita frontalmente essa redução ao afirmar que os ritos pertencem à ordem instituída pelos deuses e não à invenção humana.⁷ Eliminar o sacrifício em nome de uma pureza espiritual é, assim, substituir a hierarquia do real por um ideal moral tardio, dissolvendo a eficácia teúrgica na interioridade.

O sacrifício animal implica responsabilidade sacerdotal, pois vincula o operador a um custo vital que não pode ser revertido nem simbolizado. Essa responsabilidade distingue a teurgia de qualquer prática discursiva ou contemplativa, exigindo autoridade, competência e submissão à ordem ritual. Proclo sublinha que cada nível do ser responde segundo seu modo próprio e que a confusão de funções compromete a eficácia: ἄλλος γὰρ θεῶν τρόπος, ἄλλος δαιμόνων (*um é o modo dos deuses, outro o dos daimones*).⁸ O sacrifício, ao envolver vida sensível, exige um operador capaz de responder por seus efeitos ontológicos; sem essa assunção, a prática degenera em simbolismo irresponsável. A recusa moderna do sacrifício anda *pari passu* com a recusa da autoridade sacerdotal, pois ambas derivam da negação do custo ontológico.

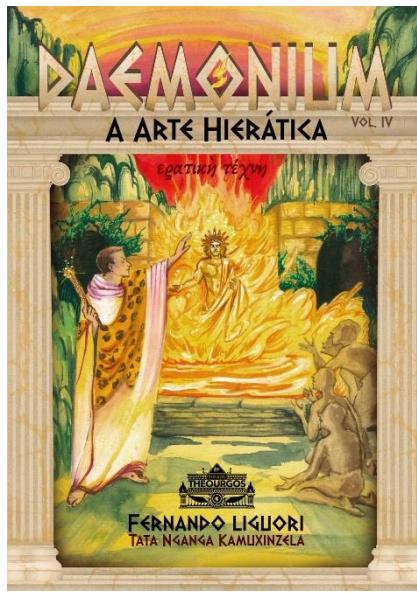
Portanto, a eliminação do sacrifício animal não *purifica* a teurgia, mas a torna impossível, ao suprimir o meio vital pelo qual a causalidade divina se traduz no sensível com permanência. O sacrifício não é resíduo arcaico, mas operador ontológico indispensável à arte hierática, pois institui custo, responsabilidade e mediação real. Proclo resume a exigência estrutural ao afirmar que a ordem do todo carece de sustentação sem intermediários.⁹ Onde o sacrifício é abolido, a teurgia se converte em moralismo, psicologia ou retórica espiritual; onde ele é mantido segundo ordem e proporção, a mediação permanece eficaz. A seção seguinte avançará, por consequência lógica, para a crítica da recusa moderna da remuneração e do sacerdócio, mostrando que o mesmo erro ontológico, negar custo e autoridade, reaparece sob outra forma.

⁶ Proclus. IN TIMAEUM. Diehl (Ed.). Teubner, 1903, I:210.22.

⁷ Iamblichus. ON THE MYSTERIES. V:26. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 275.

⁸ Proclus. *Theologia Platonica* I:6. Em Thomas Taylor (Trad.). THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO. Kshetra Books, 2017, pp. 40-41.

⁹ *Ibidem*, I:5, pp. 38-40.



O presente texto trata-se da Seção 4 da Introdução do quarto volume da série DAEMONIUM, dedicado exclusivamente a *arte hierática* da teurgia. Em breve disponível para compra.



www.theourgos.com.br
www.goeteia.com.br